

O Caso JBS: uma Análise de Enquadramento no Jornalismo Opinativo no Rádio¹

Bárbara AVRELLA²

Thuanny Prado CAPPELLARI³

Beatriz DORNELLES⁴

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Neste trabalho analisou-se o jornalismo opinativo no rádio, observando os comentários no dia posterior à divulgação feita pelo jornalista Lauro Jardim a respeito dos áudios gravados entre o executivo da empresa JBS, Joesley Batista e o presidente da República, Michel Temer. A análise fez-se necessária diante do atual contexto político nacional, repleto de escândalos envolvendo políticos e empresários, influenciando a rotina produtiva jornalística. Para tanto, averiguou-se a postura dos comentaristas frente aos acontecimentos, identificando o enquadramento utilizado. Analisou-se os comentários de Joseval Peixoto (Jovem Pan), Arnaldo Jabor (CBN) e Eduardo Costa (Itatiaia). A partir da pesquisa percebeu-se que há o predomínio do enquadramento interpretativo, pois todos os comentaristas contextualizam os fatos, mostrando uma visão particular do assunto.

Palavras-chave: análise de enquadramento; jornalismo opinativo; rádio; comentaristas de rádio; caso JBS.

1 Introdução

Vivemos tempos em que a política brasileira está em constante instabilidade. Frequentes escândalos de corrupção envolvendo políticos e empresários são vistos nos noticiários locais, nacionais e até mesmo internacionais. Episódios como o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff; a cassação do ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha; e mais recentemente, as denúncias envolvendo o senador Aécio Neves e o presidente do país, Michel Temer, têm causado uma crise política, social e econômica no Brasil.

Em maio de 2017, mais denúncias de corrupção foram divulgadas pela imprensa, causando tumulto em todas as esferas da sociedade. O Jornal O Globo foi o primeiro

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Comunicação da PUC-RS, e-mail: barbara.avrella@gmail.com

³ Mestranda do Curso de Pós-graduação em Comunicação da PUC-RS, e-mail: thuanny.cappellari@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: biacpd@puccrs.br

veículo a noticiar, em 17 de maio, a informação relacionada às delações da empresa JBS⁵ na Operação Lava Jato. A notícia escrita pelo jornalista Lauro Jardim⁶ revela que os executivos da empresa Joesley Batista e Wesley Batista apresentaram ao Supremo Tribunal Federal (STF) uma gravação feita por Joesley Batista, constando uma conversa com o presidente Michel Temer. A gravação já divulgada pela Polícia Federal foi veiculada por noticiários brasileiros, apresentando conteúdos que revelam a negociação, através de propina, da JBS com políticos brasileiros.

A partir desta notícia, que impacta no atual cenário político, todos os veículos de comunicação passaram a realizar a cobertura do assunto. Diante de uma realidade em que se verifica a padronização de conteúdo nos meios de comunicação de massa, compreende-se a importância da análise dos atuais veículos de informação. Por isso, neste estudo, realizamos a análise do jornalismo opinativo no veículo radiofônico, na cobertura sobre os áudios gravados entre o executivo da JBS, Joesley Batista e o presidente da República, Michel Temer. Para tanto, focamos a análise no dia 18 de maio de 2017, dia seguinte à divulgação feita por Lauro Jardim. Analisamos os comentários radiofônicos de Arnaldo Jabour (CBN), Joseval Peixoto (Jovem Pan) e Eduardo Costa (Rádio Itatiaia).

Além da abordagem relativa à importância da divulgação do conteúdo apresentado nos áudios para o cenário político atual, averiguamos a postura dos comentaristas diante dos fatos. Para esta compreensão, fizemos uma análise de enquadramento, verificando a construção do discurso destes profissionais e de que maneira eles explicitam os acontecimentos. A opção metodológica de utilizar a análise de enquadramento deu-se por se tratar de “uma abordagem que salienta o caráter construído da mensagem, revelando a sua retórica implícita, entranhada em textos supostamente objetivos, imparciais e com função meramente referencial” (SOARES, 2015, p. 2). Ainda, a análise do enquadramento nos permitiu identificar os padrões de seleção, apresentação e exibição da realidade utilizados nos discursos dos comentaristas de rádio.

⁵ A maior multinacional brasileira de alimentos, que é líder em exportação de carne bovina, contando com mais de 230 mil colaboradores no mundo.

⁶ Lauro Jardim começou no jornalismo em 1989, no *O Globo*. Passou pelas redações de *Istoé*, *JB* e *Exame*. Entre 1998 e setembro de 2015 trabalhou na *Veja*, onde foi chefe da sucursal do Rio, redator-chefe e editor da coluna Radar desde 2000. Voltou ao *O Globo* em 2015.

2 Enquadramento: conceitos e apropriações

Muitas pesquisas na área de comunicação evidenciam o papel dos *media* em processos políticos. Uma dessas abordagens diz respeito ao enquadramento (*framing*). O enquadramento é um enfoque teórico ainda controverso na área da comunicação. Alguns autores como Erving Goffman (1975), Gaye Tuchman (1978) e Robert Entman (1993), se constituem como fontes significativas no conceito de enquadramento.

O sociólogo canadense Goffman (1975) foi o primeiro pesquisador a desenvolver uma articulação teórica sistemática com aplicação na análise das interações sociais (PORTO, 2004). Posteriormente, a pesquisadora Gaye Tuchman (1978), apropriou-se dos conceitos de Goffman para desenvolver sua aplicação do conceito de enquadramento no campo da comunicação. A autora traz a sua noção a respeito do conceito de enquadramento: “a produção de significado é intrinsecamente encaixada na atividade de homens e mulheres – nas instituições, organizações e profissões associadas às suas atividades e que eles produzem e reproduzem, criam e recriam” (TUCHMAN, 1978, p. 216; citada por CARVALHO, 2009).

Mesmo que inconscientemente, é a partir do enquadramento dado à informação que o emissor expõe suas intenções ao produzir aquele discurso. O enquadramento faz com que os meios apresentem suas interpretações do mundo, seja implícita ou explicitamente.

Alguns autores trabalham com níveis de enquadramento. Porto (2004), por exemplo, faz a distinção entre dois tipos principais de enquadramento: enquadramento noticioso e enquadramento interpretativo. Segundo o autor, os enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos. Ele seria o “ângulo da notícia”, o ponto de vista adotado para destacar certos elementos de uma realidade em detrimento de outros (PORTO, 2004). Já o enquadramento interpretativo traz uma avaliação mais particular dos fatos como reforça Porto (2004).

Enquadramentos interpretativos são padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento etc. Estas interpretações são promovidas por atores sociais diversos, incluindo representantes do governo, partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, associações profissionais (PORTO, 2004, p. 92).

O autor destaca que este tipo de enquadramento é geralmente originário de atores sociais e políticos externos ao jornalismo. Segundo Porto (2004), essas interpretações são derivadas de um contexto mais amplo, sendo ou não relacionados pela mídia.

Os enquadramentos são dotados de características ideológicas, mesmo que não apareçam de forma explícita nos discursos, eles expressam de diferentes formas a distribuição do poder social e político. Para Murilo Soares (2015, p. 6), “os enquadramentos podem dominar de tal forma o discurso, a ponto de serem tidos como senso comum ou descrições transparentes dos fatos, ao invés de interpretações”. Por isso, há a necessidade de uma observação aprofundada e sistemática quando se pretende analisar os enquadramentos da mídia.

Dependendo do modo como são expostos, os enquadramentos podem influenciar a forma como o público recebe, percebe e interpreta determinado discurso, chegando até, em muitos casos, a mudar de opinião. Temáticas sobre política são sempre pautadas pelos veículos de comunicação. O enquadramento utilizado para abordar determinado assunto que tenha relação com a política pode fazer toda diferença na compreensão pela audiência. Isto nos remete a uma discussão bastante predominante no campo jornalístico, a questão da objetividade. Mauro Porto (2004), explica que ao estudar ou discutir o papel da mídia na política, há um paradigma predominante entre jornalistas, acadêmicos e público em geral. De acordo com o enfoque tradicional, leva-se em consideração a questão da objetividade e imparcialidade, para que a mídia, entendida como fonte de informação, cumpra o seu papel de informar os cidadãos. Contudo, segundo o autor:

A partir deste ponto de vista, a crítica do papel político da mídia se restringe geralmente a ressaltar a falta de objetividade ou imparcialidade das mensagens. Implícita neste paradigma, está a visão de que, ao tratar de temas políticos, a mídia deve impedir que valores e ideologias (a noção de objetividade) ou evitar que os meios de comunicação favoreçam um grupo, partido ou candidato (a noção de imparcialidade) (PORTO, 2004, p. 75).

O autor argumenta que esse enfoque tradicional é insuficiente para o estudo da relação entre mídia e política. Diante do reconhecimento das limitações do “paradigma da objetividade”, o conceito de enquadramento tem sido proposto como alternativa (PORTO, 2004, p. 75).

Em relação à política, Tomás Goldstein (2015) trabalha a questão do comentário político, ressaltando que esses espaços constroem quadros ao opinar, pois implicam uma leitura real, podendo haver diferentes leituras sobre determinado assunto.

O comentário político permite às elites veicular as suas preferências e vontades, podendo privilegiar um assunto em vez de outro, um ângulo de análise em vez de outro, uma palavra em vez de outra: representa uma leitura do real, o que implica necessariamente a existência de outras. A isto chamamos poder enquadrar os acontecimentos - os espaços de comentário político constroem quadros (frames) ao opinar (GOLDSTEIN, 2015, p. 3).

No Brasil, por exemplo, o comentário político está bastante em voga, diversos jornalistas, especialistas e escritores estão se apropriando de espaços nos meios de comunicação para expressar opiniões em relação ao cenário político atual.

3 O jornalismo opinativo no rádio

Desde o seu início no Brasil, nos anos 1920, o rádio tem grande relevância para a política do país. Além do viés informativo, o rádio tem servido de palanque para políticos de todas as épocas. O rádio, em especial o radiojornalismo, tem papel fundamental ao longo da história sociopolítica da humanidade, sendo um dos meios de comunicação mais importantes na cobertura de fatos que marcaram a história. Podemos destacar, como exemplo, o Repórter Esso, que chegou ao Brasil, pela Rádio Nacional, em 1941, sendo considerado o marco inicial do radiojornalismo brasileiro. O informativo revolucionou a forma de fazer radiojornalismo, como destaca Klöckner (2001, p. 2), “com o noticioso, foi implantado o lide; a objetividade; a exatidão; o texto sucinto, direto e vibrante; a pontualidade; a noção do tempo exato de cada notícia; aparentando imparcialidade e contrapondo-se aos longos jornais falados da época”.

Em razão das decorrentes transformações históricas ocorridas pelo meio, a notícia de rádio já não segue um padrão e há uma diversidade de gêneros e formatos adaptados à mensagem a ser veiculada. O rádio, enquanto meio jornalístico, segue um conjunto de parâmetros textuais identificados com base nos seus propósitos comunicativos, o que autores como, por exemplo, José Marques de Melo classificam como gêneros jornalísticos (FERRARETTO, 2014).

De acordo com Marques de Melo (2010), em sua pesquisa inicial (1966), constatou-se a presença de três gêneros jornalísticos na imprensa diária: informativo,

interpretativo e opinativo. Mais tarde, em outras pesquisas, o mesmo resultado foi obtido. Em relação ao jornalismo opinativo e jornalismo informativo, Marques de Melo distingue-os:

Na primeira, a estrutura da mensagem é determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e assumem duas feições: autoria e angulação. Na segunda, os gêneros estruturam-se a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: a eclosão dos eventos (MARQUES DE MELO, 1987, p. 14).

A classificação dos gêneros pode ser definida a partir do grau de envolvimento, interferência do jornalista com o que está sendo produzido. Segundo Marques de Melo (1987) há categorias de jornalismo informativo e opinativo. No informativo encaixam-se: nota, notícia, reportagem e entrevista. No opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. Ao explicar as categorias do jornalismo opinativo, Marques de Melo exemplifica:

Pode-se dizer que a opinião da empresa é manifestada através do editorial. A opinião do profissional, através do comentário, da coluna, resenha, crônica, caricatura e, eventualmente, do artigo. Do colaborador, através do artigo e do leitor através da carta (MARQUES DE MELO, 1987, p. 15).

Para analisar os gêneros jornalístico no rádio é necessário levar em conta as características do meio. Ferraretto (2014) traz aspectos de cinco diferentes gêneros: informativo, interpretativo, opinativo, utilitário e diversional. Informativo, segundo o autor, limita-se a narrar o assunto que será noticiado com o mínimo de detalhes para a sua compreensão. É preponderante em sínteses noticiosas e em edições extras, aparecendo também em reportagem. Já o interpretativo tem como objetivo situar o ouvinte em relação à narrativa. É comum em boletins, textos manchutados, programas de entrevistas e mesas redondas. Em relação ao gênero opinativo, Ferraretto ressalta que engloba um julgamento próprio – pessoal ou da empresa – sobre determinado assunto. Está presente nos comentários, nos editoriais e em algumas intervenções do âncora e na participação do ouvinte. No gênero utilitário, como o nome já diz, traz informações de utilidade ao público, incluem-se informações sobre aeroportos, indicadores financeiros, previsão do tempo, trânsito, etc. Por fim, o gênero diversional está próximo da literatura, já foi chamado de *New Journalism*, a partir da incorporação de técnicas de narrativa ficcional (FERRARETTO, 2014).

No que tange ao gênero opinativo, Ferraretto (2014) destaca que em rádio ele pode ser classificado em diferentes formatos: editorial, espaço em que a emissora

expressa seu posicionamento a respeito de determinado assunto; comentário, um jornalista ou um especialista analisa a fundo um assunto, explicando e/ou posicionando-se a respeito; crítica, refere-se aos comentários sobre cultura e artes, voltados basicamente ao cinema, à música, ao teatro e à literatura; crônica, o cronista fala sobre o assunto, aplicando na abordagem um toque pessoal, no rádio é muito comum acrescentar nuances da crônica a narrativas de futebol.

De acordo com Lopez e Mata (2009) o formato do gênero opinativo que mais aparece no rádio são os comentários. Segundo os autores, “comentário é a análise de fatos do cotidiano de grande relevância” (LOPEZ; MATA, 2009, p. 13). A presença de comentaristas é cada vez mais frequente no rádio brasileiro, sejam eles especialistas em esporte, saúde, cultura, política ou assuntos gerais, eles são questionadores, polêmicos e admirados pela audiência, sendo figuras importantes para o jornalismo.

4 Jornalismo e política: o Brasil no contexto atual

O jornalismo político, após o fim da censura e da redemocratização, conquistou, de certa forma, uma liberdade de imprensa que antes não se desfrutava. Até mesmo a relação com os cidadãos foi transformada, o que em uma era de cerceamento de liberdade de imprensa era suficiente para atingir o convencimento das pessoas como, por exemplo, o contato interpessoal, com o fim da Ditadura já não era mais suficiente. Com a mudança das questões políticas no país, as estratégias comunicacionais também tiveram que ser repensadas.

De acordo com Luiz Gonzaga Motta (2015), no último meio século a prática política passou por significativas transformações. Segundo o autor, o modo de convencimento, ou seja, persuasão dos cidadãos e eleitores era até então realizado de forma interpessoal, direta ou de mecanismos de baixa intermediação.

O jornalismo pode ser considerado como instrumento de poder midiático que tem condições de influenciar as pessoas a partir de um recorte do conteúdo que apresenta. Liziane Guazina (2015) escreve a respeito do papel do jornalismo de porta voz e sobre a conquista de legitimidade, credibilidade e poder perante à sociedade.

Ao assumir o papel de porta-voz do “interesse público” como um contrapeso ao poder dos governos nas democracias – um porta-voz que o público não elegeu e com o qual se relaciona de forma mediada, com base em uma relação de consumo – o jornalismo se legitima e ganha credibilidade, isto é, assegura seu lugar de poder dentro da sociedade (GUAZINA, 2015, p. 55).

De acordo com Marques de Melo (2006), os jornalistas atuam como mediadores dos acontecimentos e possuem, em sua atividade, a função de aprender os fatos com a finalidade de projetar visões de mundo. Por esse motivo, consolida-se a prática jornalística como uma atividade, segundo o autor, “eminente ideológica”.

Logo, a atividade jornalística é eminentemente ideológica. Aprender os fatos, e relatá-los por intermédio de veículos de difusão coletiva, significa, nada mais, nada menos, que projetar visões de mundo. E é exatamente isso que os jornalistas fazem cotidianamente. Atuam como mediadores entre os acontecimentos, seus protagonistas e os indivíduos que compõem um universo sociocultural (público destinatário) (MARQUES DE MELO, 2006, p. 56).

Ao discutir as notícias dadas no rádio, na televisão e nos jornais, Guareschi explica que elas são a parte mais importante na formação, tanto da opinião pública quanto da ideologia das pessoas. Para o autor, “elas vão direto à mente das pessoas e vão construindo a realidade, a verdade, os fatos e os acontecimentos” (GUARESCHI, 2014, p. 138).

O autor destaca que é preciso ter um cuidado e espírito crítico muito aguçado para não se deixar envolver pelas notícias. É preciso entender como as pessoas se comportam diante dos meios de comunicação e qual a atitude de quem escuta rádio, assiste televisão ou lê jornais. Para Guareschi (2014, p. 138), “são poucos os que se colocam diante das notícias com uma atitude crítica”. Para o autor é natural que as pessoas entendam que o que é dito nos noticiários é verdade, é a realidade.

Uma das etapas cruciais na construção da notícia diz respeito à apuração, especialmente no que concerne o jornalismo político. Não basta ao repórter circular apenas pelo Congresso Nacional, por exemplo. As fontes, dotadas de informações privilegiadas, que estão próximas aos fatos e aos envolvidos devem ser eminentemente consultadas. Elas são peças fundamentais na construção de um bom material jornalístico. Além disso, a pluralidade de vozes deve ser sempre almejada pelo jornalismo.

Por outro lado, deve-se levar em conta que em alguns lugares especialmente no interior, a preocupação com a pluralidade e isenção fica em segundo plano.

Não há dúvida de que, sobretudo nas cidades do interior, ainda sobrevive um grande número de programas jornalísticos marcados pela personalidade e pelas posições políticas de seus apresentadores, que não têm qualquer preocupação com a isenção. Mas, nos grandes centros, é cada vez mais forte a tendência a respeitar a pluralidade dos ouvintes e, em consequência, a separar a informação da opinião (MARTINS, 2011, p. 20).

No que se refere ao meio radiofônico, é cada vez mais comum, seja no rádio do interior ou em grandes centros, os apresentadores expressarem suas opiniões político-partidárias. Pois, mesmo que o profissional não manifeste explicitamente nenhum tipo de posicionamento partidário, o público tende, a partir de sua visão de sujeito interpretante, criar suposições a respeito da situação política daquele veículo de comunicação e do profissional.

5 Análise do caso JBS

Neste trabalho analisamos os comentários radiofônicos dos seguintes profissionais: Arnaldo Jabor, CBN; Joseval Peixoto, Jovem Pan e Eduardo Costa, Rádio Itatiaia. Para esta análise, optamos por verificar os áudios do dia 18 de maio de 2017, dia seguinte à divulgação feita por Lauro Jardim.

A análise volta-se para a observação das frases, palavras, termos e entonações utilizadas pelos comentaristas, identificando a orientação imposta pelos profissionais a partir da análise de enquadramento, com base nos níveis de enquadramento noticioso e interpretativo, que foram propostos por Porto (2004).

5.1 Joseval Peixoto, Rádio Jovem Pan

Joseval Peixoto é jornalista e radialista. É comentarista no Jornal da Manhã, da Jovem Pan e do SBT Brasil, no canal de TV SBT. Seus comentários envolvem temas atuais tanto do cenário nacional quanto internacional. Na data em questão, 18 de maio de 2017, como destacado no site da emissora, o comentário de Joseval foi intitulado “Dobre a folha, presidente Michel Temer. Renuncie”.

Joseval Peixoto inicia sua fala dizendo que o país está travado. Ele enfatiza que “nem as instituições podem dar um rumo ao Brasil porque esse Congresso tem legitimidade, mas não tem credibilidade” (PEIXOTO, 2017). Peixoto relembra a frase proferida por Ronaldo Caiado em entrevista à Jovem Pan, citando Goffredo Silva Teles: “nem tudo que é legal é legítimo”. Para explicar isso, recordou da “famosa noite da faculdade”, dos tempos de Regime Militar, quando Goffredo Silva Teles abraçado à quadrinha de Tobias Barreto, no pátio da faculdade, proclamou que há uma diferença entre legalidade e legitimidade, conforme aponta Peixoto. Goffredo dizia que “nem tudo

que é legal é legítimo”. Por isso, explica que por mais paradoxal que pareça, nem o Congresso Nacional nem a Constituição nesse momento teriam condições para resolver o Brasil. O comentarista destaca a orientação de Miguel Reale ao presidente Temer. Reale sugere que Temer “retorne ao pátio da faculdade”.

O comentarista reforça: “Presidente Michel Temer, está na hora de voltar às origens, que são o pátio da faculdade. Prostre-se diante da quadrinha de Tobias Barreto” (PEIXOTO, 2017). Ainda, Peixoto enfatiza: “Morrer politicamente é possível. No plano possível a morte é na política. E dobrar a folha é renunciar. Dobre a folha presidente. Renuncie” (PEIXOTO, 2017). Assim finaliza sua fala com o posicionamento direcionado a favor da renúncia de Temer.

Dessa forma, o comentarista busca legitimar sua fala utilizando aspectos históricos e dizeres de outros personagens importantes na sociedade brasileira para explicar, a partir de seu posicionamento, qual seria a melhor solução para o país. Peixoto utiliza argumentos de jurista, professor e poeta, ou seja, indivíduos que ocupam posição social de considerável relevância no país. É sob essa perspectiva que o comentarista adota sua posição em favor da destituição do poder de Temer, sugerindo assim, que ele próprio faça a renúncia. Assim, o enquadramento do tipo interpretativo é o mais adequado para explicar o discurso de Peixoto, uma vez que o comentarista utiliza sua bagagem cultural, seu posicionamento político e ideológico e, inclusive, citações de pessoas com representatividade na história brasileira para expressar sua opinião.

5.2 Arnaldo Jabor, Rádio CBN

Arnaldo Jabor é um cineasta, jornalista e escritor. Estreou como colunista de “O Globo” no final de 1995. Mais tarde, foi para a Rede Globo, no Jornal Nacional, Jornal da Globo, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Fantástico e também para a Rádio CBN. Com um estilo irônico, comenta fatos da atualidade brasileira. Na CBN, seu comentário vai ao ar de segunda a sexta-feira, às 8h10.

No site da rádio CBN o comentário de Jabor é intitulado “A bomba explodiu e ninguém sabe o que vai acontecer”. Jabor trouxe a temática da descoberta dos escândalos de corrupção como um fator que implica em outras mudanças para a política brasileira como, por exemplo, a paralisação de reformas, sustentando seu discurso de

que apesar do presidente ser suspeito, ele estava buscando fazer reformas que seriam necessárias ao país.

O comentarista salienta que mesmo que a situação esteja difícil para Temer, está para todos e, inclusive, será difícil sair desta situação que nomeia como “enrascada”. Jabor utiliza expressões que conferem ao cenário político atual e as novas descobertas de corrupção um tom de naturalidade dos fatos: “o único grande problema nacional agora, *pior* que a corrupção é aquilo que a provoca, estamos descobrindo isso. A estrutura de nosso sistema secular, onde a política está no *adultério permanente* entre a coisa pública e privada é que é o nosso grande problema [...]” (JABOR, 2017, grifos nosso).

Jabor não produz discurso de oposição enfática contra Temer. Ele sugere que não há ninguém que esteja livre, pois são todos cúmplices. Observa-se que apesar das informações divulgadas pelo Jornalista Lauro Jardim e pela polícia, Jabor opta por seguir o seu discurso através de uma linha ideológica que acusa somente o governo anterior que ficou no poder por 13 anos.

Apesar das suspeitas, o Temer atravessava uma ponte frágil, uma pinguela, mas ia tocando as reformas *pra* frente, reformas essenciais, independente de ideologia, pois era uma necessidade contábil de reestruturar a economia quebrada por 13 anos de insensatez [...] (JABOR, 2017, grifos nosso).

Parte-se, portanto, do pressuposto de análise que a hipótese adequada para explicar a conduta deste profissional é o enquadramento interpretativo. O contexto é, em todo momento, interpretado no comentário de Jabor, que busca através de suas percepções de mundo convencer o ouvinte do que está dizendo. Não há em sua fala margem à reflexão sobre a possibilidade de culpa dos envolvidos. Há, essencialmente, uma preocupação em relação às medidas tomadas pelo governo que serão freadas em função das novas denúncias.

5.3 Eduardo Costa, Rádio Itatiaia

Eduardo Costa é jornalista e mestre em Ciências Sociais. Atualmente integra a equipe de comentarista da Rádio Itatiaia de Belo Horizonte, Minas Gerais. Como comentarista aborda temas da atualidade que envolvam assuntos em debate no seu estado – Minas Gerais – e nacionais.

O comentarista inicia sua fala dizendo que não ficou perplexo com as notícias sobre o áudio envolvendo o presidente Temer. Costa destaca que “Dilma além de

incompetente participou de um esquema *nojento* de roubalheira” (COSTA, 2017, grifos nosso). Aproveita também para comparar Lula a um falso profeta que enganou os pobres, mas que gosta mesmo é de luxo, como charuto cubano e whisky.

Costa ironiza as pessoas que no auge da crise do governo Dilma utilizavam adesivos com o dizer “eu não tenho culpa, votei no Aécio”. Para ele, essas pessoas não acreditam no contraditório e não conseguem perceber que não há político diferente, declarando que para ele ainda há muito mais a ser descoberto. Assim, ele cita para exemplificar as siglas PT, PMDB, PSDB, PP, DEM, comprovando seu posicionamento de que não há político com as “costas limpas”. Para o radialista, essa notícia é apenas a ponta do “iceberg”, pois afirma que há muitas empresas envolvidas nestes esquemas de corrupção.

Costa aponta que torcia pelas reformas de Temer, porque para ele “torcer contra as reformas é torcer contra o Brasil” (COSTA, 2017). Ainda, justifica isso explicitando que não aguenta mais ouvir pedido de emprego o dia inteiro. O comentarista traz expressões que segundo ele são manifestadas pela população ao pedirem emprego, além de deixar claro que todo mundo já sabe disso e que nada do que está acontecendo é surpreendente: “Ah, mas a Dilma é o *capeta*, sim... o Lula é o *diabo*, sim... mas o Renan é o *demo*, e o Temer é o *Drácula* [...] nós estamos cansados de saber disso” (COSTA, 2017, grifos nosso). Enfatiza também que é estranho as pessoas se admirarem com as buscas feitas no apartamento do Aécio Neves, no Rio de Janeiro, enquanto todos sabem que ele sempre morou naquela cidade e fez política em Minas Gerais.

Observa-se que Costa faz um discurso que deixa evidente seu pensamento na crença de que todos os políticos são iguais e não há surpresa nenhuma e relação a denúncias e novas descobertas de corrupção. Embora o foco do assunto devesse ser a informação sobre os áudios que envolvem a figura do presidente Temer, Costa aproveita para utilizar deste acontecimento para justificar seu pensamento de que todos os políticos estão dentro de uma “estrutura podre” e “carcomida”.

Assim, ao invés de levantar questionamentos sobre as denúncias dos áudios, o comentarista traz consigo e deixa evidente seus apontamentos particulares e que refletem seu posicionamento político. Ainda que a temática abordada pelos diversos tipos de mídias seja a descoberta dos áudios, Costa encontra uma oportunidade para fazer uma reflexão sobre os políticos do país.

Destarte, aponta-se esse tipo de enquadramento como interpretativo, haja vista que o foco principal são as interpretações acerca do assunto e não as evidências do acontecimento. Além disso, o discurso é voltado para a situação do cenário político brasileiro num todo, sem apresentar todo esse contexto como novidade.

6 Considerações finais

Com base no material analisado, percebemos que os comentários de todos os profissionais se encaixam na hipótese de enquadramento interpretativo proposto por Porto (2004). Diante dos comentários expostos sobre o áudio que envolve o presidente Michel Temer e os empresários da JBS foi possível identificar que há uma interpretação e avaliação particular dos fatos por parte dos comentaristas.

Outro aspecto que ficou evidente no discurso dos profissionais analisados foi a utilização de frases de personagens importantes na história brasileira, além do uso de falas de outras pessoas com significativa relevância social, contribuindo para conferir credibilidade e reforçar o discurso do comentarista. Isto vai ao encontro da definição de enquadramento, que é a maneira como o comentarista aborda o assunto.

Joseval Peixoto mostra um posicionamento contrário ao governo atual e expressam um tom de voz de descontentamento e indignação. Peixoto sugere a renúncia do presidente Michel Temer. Por outro lado, Arnaldo Jabor, em tom de frustração, destaca que caso o presidente Temer saia do poder, as reformas propostas pelo governo serão freadas, ocasionando prejuízos econômicos e políticos aos brasileiros. Já Eduardo Costa, demonstra não ter se surpreendido ao saber dos últimos acontecimentos, atribuindo aos políticos representações profanas de forma a desqualificá-los. Além de expressar em seu discurso um descontentamento com a política no geral.

Por fim, observa-se que o enquadramento interpretativo foi predominante nos comentários dos profissionais. Compreende-se, sobretudo, que os comentários são relevantes por estarem inseridos em um contexto significativo na política nacional que, inclusive, pode mudar o rumo do país.

Contudo, identificamos neste trabalho que tanto os gêneros jornalísticos - neste caso o opinativo - quanto o enquadramento podem ser encontrados no veículo radiofônico. Mesmo que as categorias de análise sejam adaptadas do jornalismo impresso, o rádio representa um rico campo de investigação, dotado de características e nuances particulares.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Carlos Alberto de. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2009, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: UFOP, 2009.

CBN. **Comentaristas**. São Paulo, [2017]. Disponível em:
<<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor-o-comentario-de-arnaldo-jabor/ARNALDO-JABOR-O-COMENTARIO-DE-ARNALDO-JABOR.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

COSTA, Eduardo. **Jornal da Itatiaia**. Belo Horizonte: Rádio Itatiaia, 18 maio 2017. Programa de rádio.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

GOLDSTEIN, Tomás. **Leitura do real no comentário político: construção de quadros e autorreferência**. 2015. Dissertação (Mestrado) - ISCTE-IUL, Lisboa, 2015. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10071/9969>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

GUAZINA, Liziane. Quando cultura política e subcultura profissional jornalística andam de mãos dadas: a desconfiança na política em tempos de escândalos. In: HERRMAN-DURAZO, Julian; GUAZINA, Liziane Soares; PEREIRA, Fábio Henrique (Orgs.). **Novos Questionamentos em Mídia e Política**. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2015, v. 1. p. 43-73.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia Crítica: alternativas de mudança**. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2014.

ITATIAIA. **Blog Eduardo Costa**. Belo Horizonte, [2017]. Disponível em:
<<https://www.itatiaia.com.br/blog/eduardo-costa>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

JABOR, Arnaldo. **Biografia**. Rio de Janeiro, [2017]. Disponível em:
<<http://www.arnaldojabor.com.br/biografia>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

_____. **Jornal da CBN**. Rio de Janeiro: Rádio CBN, 18 maio 2017. Programa de rádio.

JARDIM, Lauro. **Dono da JBS grava Temer dando aval para compra de silêncio de Cunha. O Globo** [on-line]. 17 maio 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/dono-da-jbs-grava-temer-dando-aval-para-compra-de-silencio-de-cunha-21353935>> Acesso em: 17 maio de 2017.

JBS. **Sobre a JBS**. São Paulo, [2017]. Disponível em: <<http://jbs.com.br/sobre/historia/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

JOVEM PAN. **Dobre a Folha Presidente Michel Temer. Renuncie**. São Paulo, 18 maio 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/XYhjQI>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

KLÖCKNER, Luciano. O Repórter Esso e a Globalização: a produção de sentido no primeiro noticiário radiofônico mundial. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciência Comunicação, 2001, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Intercom, 2001.

LOPEZ, Debora Cristina; MATA, José Henrique da. Os gêneros jornalísticos e sua aplicação no radiojornalismo. **Revista Lumina**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2009.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros Jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 23-42.

_____. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: ECA/USP, 1987.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. 2ed. São Paulo: Contexto. 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Fissuras no sistema midiático? In: HERRMAN-DURAZO, Julian; GUAZINA, Liziane Soares; PEREIRA, Fábio Henrique (Org.). **Novos Questionamentos em Mídia e Política**. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2015, v. 1. p. 9-14.

PEIXOTO, Lorival. **Jornal da Manhã**. São Paulo: Jovem Pan, 18 maio 2017. Programa de Rádio.

PORTO, Mauro P. Enquadramento da Mídia e Política. In: RUBIM, Antônio Albino (org). **Comunicação e Política: Conceitos e abordagens**. Salvador: 2004. p.73-104.

SOARES, MURILO Cesar. Análise de Enquadramento. In: DUARTE, Jorge; BARROS; Antônio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2015.